

A FORMAÇÃO DO ETHOS E DA EMOÇÃO EM DISCURSO DE "AUTOAJUDA LITERÁRIO"

Carlos Antônio Fernandes

Universidade Federal de Minas
Gerais - UFMG

Resumo



O presente trabalho tem como objetivo analisar o *ethos*, bem como as emoções que são suscitadas em discurso de autoajuda. O *corpus* é constituído por aforismos de Oscar Wilde retirados da obra: **Oscar Wilde para inquietos**, de Allan Percy. Investigamos o *corpus* a partir da instância do *ethos* da obra e das emoções suscitadas no auditório. Concluímos que a obra tem uma singularidade com relação às outras do gênero, pois seu discurso, embora se apoie em um *ethos* forte, isto é, compósito, com argumentos de autoridade, para corroborar suas afirmações, não é tão dogmática como as demais. Além disso, constatamos que as paixões suscitadas, pelo orador, no discurso, aproximam orador e auditório da problemática de cada tema abordado.

Palavras-chave: Discurso. Interdiscurso. Intertextualidade.
Ethos; pathos

Introdução

A obra que ora iremos analisar, **Oscar Wilde para inquietos**, apresenta um *ethos* de instância compósita. Allan Percy, idealizador da obra, liga seu *ethos* ao de Oscar Wilde, a princípio, mas também a líderes: religiosos, políticos, literatos, dentre outros, com suas personalidades, obras e ideias que se cruzam. Todos eles se destacam na sociedade de sua época. Dos dois principais *éthé* apresentados no decorrer da obra: Oscar Wilde e Alan Percy, temos algumas informações. O primeiro foi um conhecido escritor da era vitoriana, excêntrico, determinado, que desafiou a sociedade da época com a sua maneira de agir. Por sua vez, Allan Percy é um escritor contemporâneo de autoajuda, consultor de empresas, *coaching*

bem sucedido. Analisando também a relação *ethos* e *pathos* na obra, percebemos que **Oscar Wilde para inquietos** suscita a um determinado auditório, emoções, paixões, ora por empatia e identificação dos problemas apresentados, ora pela maneira como o autor da obra expõe os problemas, isto é, sem ser de maneira dogmática como nos demais discursos de autoajuda, mas com uma proposta que leva o interlocutor a refletir sobre a sua realidade.

Para o nosso estudo, pretendemos analisar a aforização que se origina de Oscar Wilde; para tanto faremos breves considerações sobre o assunto, nos apoiando nos estudos de Maingueneau (2006, 2010). Maingueneau denomina os enunciados curtos como os aforismos, de *fórmula*. Tais enunciados fazem parte de duas formas diferentes de funcionamento: são aqueles que funcionam como autônomos, e os que marcam um posicionamento se opondo a outros enunciados. O tipo autônomo é o que está relacionado aos aforismos que serão analisados e se inserem no grupo dos enunciados destacáveis, isto é, enunciados que possuem algumas “propriedades linguísticas” que são caracterizadas pela posição tipográfica, e o “caráter generalizante”, dentre outras.

Feitas essas pequenas considerações sobre aforismos, ressaltamos que, para a análise dos dados, serão utilizadas contribuições de autores como Chagas (1999) sobre o discurso de autoajuda, Maingueneau (2008,2010) tratando da noção de *ethos* e Amossy (2006) para lidar com a noção de *ethos* e *pathos*, a emoção com Aristóteles (2000), com a Retórica das Paixões, Meyer (2008) e Mathieu-Castelani (2000), dentre outros.

O discurso de autoajuda

Segundo Chagas (1999), o discurso de autoajuda surgiu já no século XIX, mas só na atualidade há uma expressiva formação de um público leitor com maior interesse por esse tipo de discurso. Uma característica peculiar dele é seu poder de fascinação e sedução a um público que procura realizar os seus sonhos na vida, ou seja, o orador pronuncia aquilo que o público quer e precisa ouvir.

Segundo Chagas (1999), a grande procura pela literatura de autoajuda, nos dias atuais, acontece principalmente como resposta a um mundo capitalista, que se caracteriza pela

competitividade e individualidade das pessoas. Um dos pontos fundamentais para que isso ocorra, se traduz pelo consumo de mercadorias, de objetos, que fazem com que as pessoas com acúmulo de riquezas não se sintam abandonadas socialmente, mas ao contrário, bem engajadas na sociedade, o que irá provocar uma sensação de bem estar, felicidade e realização pessoal. Quando isso não acontece, elas se desestabilizam, procurando a autoajuda.

Outro ponto que também tem relação com a vida moderna para o *boom* da literatura de autoajuda seria, como abordados por Isabela Boscov e Sílvia Rogar, em reportagem da revista *Veja* (2009), a mudança radical que aconteceu na sociedade nos últimos cinquenta anos, dentre elas, o êxodo rural, ou seja, a saída das pessoas para os grandes centros urbanos. Nas cidades interioranas, as relações eram mais íntimas entre as pessoas, que buscavam apoio entre si para resolver os problemas, ao passo que na cidade grande, por suas características, dentre elas a individualidade, estamos mais afastados um dos outros, vivendo isoladamente.

Assim, a partir dos problemas que enfrentamos na modernidade, o discurso de autoajuda procura com seu argumento de autoridade dar suporte ao interlocutor, incutindo em um público carente e vulnerável a “fórmula mágica” para o alcance da felicidade. Parece-nos que não há entre os sujeitos interlocutores, leitores desse tipo de discurso uma reflexão crítica relacionada entre o conteúdo da obra e a especificidade do seu problema, mas apenas uma adesão inconsistente, que não questiona a realidade em que eles estão inseridos. Por isso, frequentemente, esses leitores se utilizam dos ensinamentos dos livros de autoajuda, como se fossem uma solução mágica, um milagre para todos os problemas. Enfim, sem reflexão crítica, irá existir uma adesão passiva, hipnótica.

A obra

A obra **Oscar Wilde para inquietos** é formada por 99 aforismos e um anexo que biografava a vida de Oscar Wilde. Os temas dos aforismos estão relacionados aos problemas que enfrentamos na vida amor, dinheiro, convívio social, sentimentos vivificados, dentre outros. Cada máxima é analisada por Allan Percy, autor do livro, que as relaciona também com pensamentos de líderes políticos, religiosos, escritores e filósofos, que coadunam com os aforismos do escritor Oscar Wilde. A biografia no fim do

livro também serve para compor a personalidade de Wilde, ajudando a formar o *ethos* de líder do escritor.

Oscar Wilde

Oscar Wilde teve uma vida conturbada. Viveu em uma época, era Vitoriana, de forma transgressora, desafiando as concepções e costumes dessa sociedade. Por isso, ele passou por momentos de punições e privações em sua vida. Teve um relacionamento intenso, quando já era casado, com lorde Alfred Douglas, sendo acusado pelo pai de Douglas de sodomia. Foi então detido por dois anos, perdeu a mulher, que mudou seu sobrenome, tendo também problemas financeiros. Era um homem sensível, segundo Percy (2012, p.116), mas que não se curvava diante das intempéries da vida: “Oscar Wilde foi um homem que ensinou que a beleza, tanto interior como exterior, foi feita para ser desfrutada, que negar-se a paixão e o gozo é como arrancar as próprias asas e que os sonhos existem para serem vividos” (PERCY, 2012, P.16). É, então, esse *ethos* de sujeito determinado, em busca dos seus sonhos e prazeres, sem se importar com a aprovação ou não da sociedade de sua época, que se manifesta na obra analisada.

Allan Percy

Pouco se tem a respeito de Percy, tanto em seu livro, bem como na internet. Sabemos apenas que ele é um escritor de livros de autoajuda, como **Nietzsche para Estressados**, **Kafka para sobrecarregados**, **Einstein Para Despistados**, dentre outros, que procura, com sua fórmula simples, envolver o leitor, utilizando-se do interdiscurso com a filosofia, literatura, etc. Além do mais, é um profissional que presta consultorias, tanto para editoras como para outras empresas.

A Noção de *ethos*

Amossy (2010) considera que o orador ou aquele que escreve deve estar atento aos parceiros da comunicação, isto é, ao seu auditório, percebendo neles o grau de autoridade que eles atribuem ao orador. Atribuir importância ao orador é, na argumentação, um ponto crucial da retórica antiga, sendo chamada de *ethos* a imagem que o orador constrói no discurso, ajudando-o na eficácia do seu dizer. Para entender a eficácia

do conceito de *ethos*, a autora faz um breve percurso desde a época de Aristóteles até a contemporaneidade.

Na tradição aristotélica, percebemos que o *ethos* está relacionado aos meios de provas técnicas que são solicitados pelo discurso persuasivo. O *ethos* é considerado uma característica moral do orador para conduzir a persuasão, de forma que ele possa inspirar confiança. Aristóteles se refere ao homem honesto, em todas as situações em que utiliza a oratória, e também nos assuntos que geram polêmicas ou interpretações ambíguas. O *ethos* é o resultado obtido pela força de expressão, que ajuda o orador a se prevenir. Isso não significa pensar que a integridade do orador não colabora em nada para a produção da persuasão, mas o caráter moral adquirido no discurso é talvez o maior poder de persuasão.

Aristóteles, segundo Amossy (2010), nomeia o termo grego *ethos*, personagem, como a imagem de si, na qual o orador projeta com o objetivo de que tal imagem aja em sua fala. Aristóteles destaca que a imagem é produzida no discurso. É preciso salientar que a imagem que o orador projeta em sua fala, origina-se de um conhecimento prévio de sua pessoa.

Para Aristóteles, o que importa dentro do discurso é construir uma imagem de si. O *ethos*, segundo Roland Barthes, citado por Amossy, caracteriza-se pela maneira como o orador deve se expor para o auditório, não importando se de forma sincera. Para obter uma boa impressão, deve parecer, acrescenta Barthes, que o orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz, “eu sou isso, não sou aquilo” (BARTHES, *apud* AMOSSY, 2010, p.70)

Para Maingueneau (2008), a noção de *ethos* está “relacionado ao exercício da fala, ao papel que corresponde ao seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’ independentemente de seu benefício oratório. Por isso, é o sujeito da enunciação que está em jogo” (MAINGUENEAU, 1993, *apud* AMOSSY, 2010, p.70)¹ Cabe então observarmos que o *ethos* é um jogo de parecer dentro do discurso com a finalidade de construir um orador que possa persuadir seu auditório.

Segundo Amossy, resgatando o pensamento de Aristóteles, a autoridade etótica que permite ao orador a apresentação de si é derivada de três aspectos fundamentais: a *phrónesis* que está relacionada ao bom senso, a ponderação, *areté*, relacionada à

1 MAINGUENEAU, Dominique .
Le contexte de l'oeuvre littéraire.
Énonciation, écrivain, société, Paris,
Dunod. 1993.

sinceridade e simplicidade do homem, ou seja, a virtude, e a *eúnoia*, que objetiva formar uma imagem agradável do orador perante seu auditório.

Maingueneau assinala, no entanto, que no campo da Análise do Discurso, embora o encontro do *ethos* traga os mesmos corpora e problemáticas de estudiosos em argumentação, seu interesse é diferente. A noção de *ethos* com a qual Maingueneau trabalha ultrapassa o quadro da argumentação, estando inscrita em textos escritos, bem como em textos que “não apresentam nenhuma sequencialidade argumentativa”, como citado por Adam, segundo Maingueneau (2008 p.69). Além da argumentação persuasiva, o *ethos* apresentado por Maingueneau possibilita refletir mais sobre a adesão dos sujeitos a uma posição discursiva.

Assim, a noção de *ethos* resulta de uma reflexividade enunciativa para o discurso, e também uma relação de corpo e discurso. A instância subjetiva não se manifesta apenas da sua forma tradicional, como “estatuto ou papel”, mas apresenta uma “voz” e uma “corporalidade” que se inserem, constituindo um “corpo enunciante”, bem como uma encenação.

Há, então, uma cenografia juntamente com o *ethos* que se realiza de forma contraditória dentro do ato de linguagem. Quando a fala se realiza, já existe certa cena de enunciação, que gradativamente se valida pela própria enunciação. Concomitantemente, o discurso se origina da cenografia e a cenografia se produz pelo próprio discurso.

Charaudeau (2008) concorda com a noção moderna de *ethos* de Maingueneau e acrescenta que a corporalidade pode não ser só individual, mas também coletiva. Isso quer dizer que o sujeito se compõe por “imaginários sociodiscursivos” - “corporis e moris”, existentes em nossas sociedades. É a partir desses imaginários que grupos se manifestam, com um olhar sobre o outro, formando estereótipos, como podemos constatar pelos seguintes exemplos de Charaudeau: “os franceses são *chauvinistas*, os ingleses *fleumáticos* etc. Voltando-se para nossa realidade social, temos como exemplos os seguintes estereótipos: os baianos são preguiçosos, os cariocas são presunçosos, os mineiros são desconfiados, etc.”.

Constatamos então que o *ethos* está ligado à enunciação, sendo possível persuadir o auditório pelo caráter, tornando-se o orador digno de fé, considerando que as pessoas honestas são as que impressionam, provocando no auditório uma maior e mais rápida confiança. A confiança não se trata de um juízo prévio

do orador, mas um efeito do discurso. O *ethos* se divide então em duas formas, conforme a pragmática, no “mostrado”, bem como no “dito”, envolvendo a enunciação sem ser evidente.

O Pathos e as paixões

Mathieu-Castellani (2000, p.49) define *pathos*, buscando a origem etimológica da palavra. Ela vem do grego, mas no latim irá ter vários significados que se aproximam: *perturbatio*, *adfectus*, ou *motus animi*, tais significados denominam o estado de alma, a disposição do particular que foi alterada por qualquer causa exterior. Em seguida, a pesquisadora se reporta ao **Métaphysique**² de Aristóteles; para ele, o *pathos* é uma alteração, uma modificação do sujeito ou indivíduo. No **l'Éthique à Nicomaque**³, citado por Mathieu-Castellani, a paixão é vista não como uma vontade voluntária do sujeito, mas apenas como modificação, um movimento na forma de ser do sujeito, provocando mudanças no corpo e espírito.

O interesse pelo estudo do *pathos* existe desde a retórica clássica. Aristóteles dedica um livro inteiro à questão do *pathos*, que diz respeito aos meios de “colocar em julgamento”, ou a qualquer outro público, uma certa disposição” (ARISTÓTELES, *apud* AMOSSY, 2010, p.179). Se o *logos* diz respeito às estratégias discursivas como tal, o *ethos* a imagem do locutor, o *pathos* direciona seu tratamento para o auditório. Examinar os pontos positivos e negativos, para Aristóteles, significa ver o que toca, conhecer a natureza das emoções que desperta sentimentos no alocutário e que é particularmente acessível considerando o seu estatuto e a sua idade. O orador deve conhecer o plural significado do termo *pathè*, isto é, das emoções que ele suscita, pois um orador, segundo Amossy (2010), “tem interesse em conhecer para agir eficazmente sobre os espíritos”, se aproximando então orador com seu auditório.

Meyer (2007) afirma que o *ethos* e *pathos* estão ligados à resposta e à pergunta respectivamente. O *pathos* é a “a fonte das questões e estas respondem a interesses múltiplos, dos quais dão prova as paixões, as emoções ou simplesmente as opiniões”. (MEYER, 2007, p.36). A base retórica entre o sim e o não se expressa pela subjetividade entre “o prazer e o desprazer”. Assim, tanto a emoção como a paixão converte a pergunta em resposta, cobrindo-a com diversas tonalidades como o temor, esperança, ódio, amor, desespero, desejo, dentre outras paixões.

2 Aristotote; Colle, GASTON. *La métaphysique*. Louvain: Institut Supérieur de Philosophie, Paris: Felix Alcan.

3 ARISTOTE. *Ethique à Nicomaque*. Paris: Librairie Générale Française, 1992.

A potencialidade da paixão é essencial para impor ao auditório uma tese. Ela confirma a adesão do auditório, em detrimento de outra possibilidade que não queremos em uma tese. A paixão consiste em colocar ao outro o que a distingue, ela é uma resposta sobre um questionamento, existindo também em seus extremos, isto é, “tanto há paixão na cólera que insulta, assim como no amor, que visa à aproximação” (MEYER, 2007, p.38,). A paixão então é paradoxal, refletindo o estado da alma.

O *ethos* deve então encontrar as questões que implicam o *pathos*. Apenas dessa forma ele poderá retirar os “valores do auditório”. As paixões desse auditório são percebidas naquilo que lhe confere prazer ou desprazer. O *pathos* se configura na “dimensão retórica” da interlocução.

Diante disso, o locutor já em sua oratória irá adiantar uma possível resposta do auditório, que pode se configurar com a paixão ou a emoção. Entretanto, várias outras possibilidades de resposta poderão ser proferidas pelo auditório. O auditório tem a liberdade de se expressar com outras respostas, ao invés daquela suscitada pelo orador.

Análise dos textos: entre o *ethos* e o *pathos*⁴

4 Os fragmentos analisados foram reproduzidos tipograficamente o mais próximo do original, isto é, o primeiro parágrafo é mais recuado que os demais, e as primeiras palavras do texto encontram-se em caixa alta.

TEXTO 1

1) Um sonhador é aquele que só ao luar descobre seu caminho e que, como punição, vê o dia amanhecer antes do resto do mundo.

TODA PESSOA QUE TEM GRANDES PLANOS em algum momento se vê percorrendo caminhos que os outros temem ou até mesmo desconhecem. Ela troca a tranquilidade de estar em um grupo pela possibilidade de cruzar o deserto que a separa de um sonho. Depois retorna com os frutos colhidos na aventura.

Foi esse o caso de Oscar Wilde, provocador nato e sonhador irredutível, apesar do cinismo com que contemplava a sociedade.

O sociólogo italiano Francesco Alberoni assim qualifica essa espécie ameaçada de extinção:

O sonhador incansável é um inventor de projetos, alguém que faz planos e contagia os outros com seus sonhos. Não é um cego, nem um inconsequente. Sabe que existem dificuldades e obstáculos às vezes incontornáveis. Tem noção de que, a cada 10 tentativas, nove dão

errado. Mas não se deprime. É um criador de possibilidades.

Esta é uma palavra mágica: POSSIBILIDADES. Quanto tempo faz que você não presta atenção aos muitos caminhos que se abrem à sua frente?
(PERCY, p.17, 2012)

A capacidade de sonhar e a vontade de concretizar os sonhos são inerentes ao homem, entretanto nem sempre o sujeito se sente estimulado a realizá-los. Ora por dificuldades externas a ele, ora por problemas de sua própria personalidade. O *ethos* construído no texto acima, se apoia de início, no pensamento de Wilde que era um sonhador, mas que de maneira determinada, procurava realizar seus sonhos, com antecedência aos outros homens, como podemos notar pela sua metáfora: “vê o dia amanhecer antes do resto do mundo” (citado por PERCY, 2012, p.17). Wilde teve, ainda, espírito pioneiro, visionário, e é este o *ethos* construído no texto e captado pelo interlocutor. Em seguida, Percy relaciona a máxima de Wilde diretamente com o interlocutor, enfatizando o *ethos* já apresentado, pois: “Toda pessoa que tem grandes planos em algum momento se vê percorrendo caminhos que os outros temem ou até mesmo desconhecem” (PERCY, 2012, p.17). Essas pessoas fazem opções pelos seus sonhos, mas suas escolhas trazem privações, dificuldades, mas depois “retorna com os frutos colhidos na aventura”. No parágrafo seguinte, reaparece o *ethos* positivo de Wilde de “provocador nato e sonhador irredutível” determinado pela sua personalidade.

Em seguida, agora pelo interdiscurso da sociologia, citando o discurso do sociólogo italiano Francesco Alberoni, há um entrelaçamento maior, para ratificar que devemos nos arriscar em nossos sonhos.

O sonhador incansável é um inventor de projetos, alguém que faz planos e contagia os outros com seus sonhos. Não é um cego, nem um inconsequente. Sabe que existem dificuldades e obstáculos às vezes incontornáveis. Tem noção de que, a cada 10 tentativas, nove dão errado. Mas não se deprime. É um criador de possibilidades. (ALBERONI, *apud* PERCY, 2012, p.17)

É interessante observarmos ainda que, um pouco antes da passagem apresentada acima, Percy afirma que os sonhos são “uma espécie ameaçada de extinção”. Com isso, ele retoma

a ideia principal do fragmento de que é preciso sonhar, e, ao mesmo tempo, provoca no auditório, ou seja, nos leitores de autoajuda, possíveis emoções para que arrisquem, criem alternativas para seus problemas e não deixem se abater pelos obstáculos.

Para finalizar, Percy coloca em caixa alta a palavra POSSIBILIDADES, com a intenção de chamar a atenção do auditório, suscitando reflexões, que se confirmam com a frase

que fecha o texto: “quanto tempo faz que você não presta atenção aos muitos caminhos que se abrem à sua frente?” (PERCY, 2012, p.17). Tal questionamento irá ao encontro do interlocutor, com o objetivo de alcançar a sua adesão ao discurso, mas provocará também reflexões críticas a respeito de sua realidade.

Quanto ao *pathos*, concordamos com Reboul (2000) de que o orador procura instigar o *pathos* em seu auditório, como ocorre no texto apresentado. O *pathos* “é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve provocar no auditório com o seu discurso” (REBOUL, 1998, p.48). O *ethos* analisado irá suscitar as emoções e paixões do leitor. Vejam, por exemplo, em “trocar a tranquilidade”, que significa no texto, sair de uma situação estável, calma para escolhermos situações temíveis. Segundo Aristóteles (2000), a calma está vinculada a outrem, é uma imagem construída na reciprocidade, na interação, conscientemente. Avançando um pouco mais, “a calma é a aceitação de uma relação e, com isso, constitui a melhor expressão da indiferença” (ARISTÓTELES, 2000, p.XLIV). Se não estamos na indiferença, buscamos o desafio, e com ele vem o temor. Aristóteles vê no temor, comparando-o com a confiança, uma “diferença maior”. Há uma relação assimétrica, tememos sempre aquilo que é maior, superior a nós. Da mesma forma, a confiança só aumenta quando a relação se torna mais igualitária. Para Aristóteles, “A confiança é talvez uma forma de amizade mais remota, como o temor, a manifestação de uma dissociação que não é total.” (ARISTÓTELES, 2000, p.XLV). Assim, tememos menos aquilo que nos causa mais confiança.

TEXTO 2

Convém ser moderado em tudo,
até na moderação.

BUDA NOS ORIENTA A VIVER LONGE dos extremos, inclusive do extremo da prudência. Embora Oscar Wilde não tenha sido exatamente um homem comedido, no aforismo acima ele aponta para a filosofia que o poeta chinês Li Mi-an resumiu magistralmente:

*O melhor costuma ser, neste mundo,
descobrir o que está entre os extremos;
o meio a meio, fórmula mágica,
dará mil e mil satisfações [...].*

*Sábio em uma metade, em outra fidalgo,
vive pelo meio o esforço e o repouso.
Sem te isolares, não dê confiança de mais.
Procura ter de tudo em tua casa,
sem nada de ostentoso nem arrogante [...].*

*Quando te embriagares, faz isso sempre pela
metade.
A flor meio aberta é mais bonita,
Com meia vela seguem bem os navios
e à meia-rédea trotam os cavalos.*

O caminho do meio que Buda pregava não implica renunciar aos prazeres, mas eliminar os que nos prejudicam. Se soubermos encontrar o equilíbrio entre o excesso e a renúncia, transformaremos nossa vida em um caminho agradável e sem sobressaltos.

(PERCY, 2012, p.48)

Busquemos entender melhor os *éthé* apresentados, destacando principalmente a figura de Buda. De acordo com a Wikipedia,⁵ Buda nasceu em Lumbini, pelos anos de 566 a.C. Seu nome na verdade era Siddhartha Gautama, mas ficou conhecido como Buda, depois que tornou-se um líder religioso. É interessante notarmos que sua religiosidade filosófica propõe o *caminho do meio* ou o *nobre caminho óctuplo*, que, em seus ensinamentos, sua filosofia é baseada “na moderação e na harmonia, sem cair em extremos”.⁶

Nesse texto, o tema da prudência está em destaque. O *ethos* de instância compósita se constrói pelo interdiscurso com a

5 http://pt.wikipedia.org/wiki/Budismo#A_vida_de_Buda

6 http://pt.wikipedia.org/wiki/Nobre_Caminho_%C3%93ctuplo

religião, a filosofia e a literatura. Para construir seu argumento de autoridade, Allan Percy (2012) apoia o seu *ethos* no de Buda, iniciando seu discurso com a seguinte orientação: “Buda nos orienta a viver longe dos extremos, inclusive dos extremos da prudência”, e em seguida no do poeta chinês Li Mi-an, que também compartilha o mesmo pensamento sobre a moderação. Assim ele diz: “O melhor costuma ser, neste mundo, descobrir o que está entre os extremos” (LI MI- AN, *apud* PERCY, 2012, p.18). Retornando ao pensamento de Buda, Percy orienta o leitor de que ele não pedia para que renunciássemos ao prazer, mas sim excluíssem aquilo que nos faz mal, pois o equilíbrio entre o “excesso” e a “renúncia” irá nos trazer a felicidade sempre.

Observemos também que Percy chama a atenção para o *ethos* de Wilde que não foi um homem comedido, o que percebemos pela sua biografia. Ao contrário, ele foi um homem exagerado, como por exemplo, na decoração de sua residência, em críticas contundentes à sociedade da época, dentre outros aspectos. Afirmamos então que o aforismo de Wilde se reveste de um *ethos* em que o parecer não é ser, ou melhor, ele coloca a máscara da prudência, em sua enunciação aforística, que não corresponde ao homem que ele era.

A respeito do *Pathos*, apoiados por Meyer (2000), em seu prefácio sobre a **Retórica das Paixões** de Aristóteles, verificamos que Platão discorre de forma alegórica sobre o envolvimento da alma com as paixões, conforme verificamos em três passagens do filósofo, a saber.

A primeira em **Fedro**, na qual Platão compara a alma a cavalos que, presos a um carro, se debatem em direções opostas, estando o cocheiro tentando harmonizá-los. Os cavalos representam a apetência, isto é, a natureza humana em seu instinto passional, sobrepondo a eles está a “força de resistência a esse apetite”. Assim, a razão sã é representada pelo cocheiro, bem como por um dos cavalos que representa o “espírito de resistência, o esforço, a coragem, à vontade” (MEYER, 2000, p.XXI), de controlar as paixões.

Platão ainda na **República**, no livro IV, afirma que as paixões estão relacionadas ao instinto, à impulsividade e não à razão. Temos o exemplo da alegoria da sede. Nela, as pessoas estão sedentas, mas recusam a beber água. Há então na alma uma contradição inevitável, ao mesmo tempo em que elas querem beber água, elas são afastadas desse desejo, pela razão.

Na terceira alegoria, a alma se divide em três partes relacionadas a um tipo característico de homem da cidade. Temos então: 'ao rei-filósofo que corresponde à supremacia da razão; à massa laboriosa somente preocupada em saciar seus apetites sensíveis, a paixão; e à execução dos desígnios da razão, os guardas, que têm assim o papel de classe intermediária' (ARISTÓTELES, 2000,p.XXIII). Dessa forma, a paixão é vista de forma negativa, atribuída ao povo, a aqueles que não usam a razão. Só através da razão o homem se livra da paixão, conforme conclui Meyer (2000,p.XXIII) "a paixão é o que faz que eu ignore; a razão, que eu conheça, e a força de vontade, que eu possa aprender". A razão pertence, a nosso ver, às pessoas superiores, dotadas de equilíbrio e discernimento. A paixão, às pessoas impulsivas, instintivas, ignorantes e descomedidas.

Na mesma linha de raciocínio, Aristóteles, segundo Lima (2011), coloca em relevância a importância do papel do orador em relação aos seus ouvintes. Para tanto, o *ethos* de virtude deve ser revelado, de forma que faça com que o auditório adquira confiança no orador. Para Aristóteles, a virtude (...) "é a faculdade que permite adquirir e guardar bens, ou ainda a faculdade que nos põe em condições de prestar muitos e relevantes serviços, serviços de toda sorte em todos os domínios" (ARISTÓTELES, *apud* LIMA, 2011, p.67-68). Com isso, o homem virtuoso tem de ser equilibrado, como dito por Aristóteles, é a filosofia do justo meio, não podendo se exceder em suas ações, nem faltar, buscando sempre o equilíbrio.

Em uma analogia com o texto em tela, seria possível considerarmos o orador, Allan Percy, bem como os demais *éthé* imbricados a ele, com credibilidade e autoridade de controlar as emoções, sendo eles a razão, semelhante ao rei-filósofo preconizado por Platão. Eles são os oradores comedidos, controlados, que tem autoridade inquestionável sobre um auditório submisso as paixões. Se a razão do orador representa o conhecimento, o auditório dos livros de autoajuda busca esses conhecimentos, seja pelos aforismos, pelos *éthé* das personalidades representada. Assim, a "massa laboriosa" corresponderia ao auditório, ou seja, aos leitores de livros de autoajuda, onde temos a emoção, a paixão, o *pathos*. Para concluir, o comedido está para o *ethos* formado pelo orador compósito, bem sucedido, e o *pathos* pelo auditório, frágil e carente, preso à impulsividade, as paixões, estando o tempo todo com a vontade do desejo, do instinto emocional, mas precisando ser contidos pela razão. É preciso conter o desejo exacerbado que existe em cada alma.

TEXTO 3

Definir é limitar

A MÁXIMA BÍBLICA “Não julguem e vocês não serão julgados” nos lembra que, diferentemente do olhar divino, o nosso não é onipresente e, portanto, não nos capacita a emitir julgamentos justos. Só quem vê a realidade como um todo pode compreender e avaliar os atos dos outros. As próprias Escrituras nos advertem de que a pessoa que tem uma viga no olho não deveria julgar o cisco no do irmão.

Contudo, julgar é uma atitude inerente ao ser humano. Quando somos apresentados a alguém ou presenciamos um acontecimento, inevitavelmente emitimos um juízo de valor. Saber o que pensamos sobre alguém ou alguma coisa nos proporciona segurança e nos permite conduzir nossas reações (em hebraico, a origem do termo “julgar” é justamente “dirigir” ou “guiar”).

Ao qualificarmos uma pessoa de honesta ou corrupta, valiosa ou dispensável, na realidade estamos decidindo como iremos nos relacionar com ela. Da mesma forma, quando consideramos que determinada situação é perigosa, nossa reação a ela é condicionada por essa opinião.

Portanto, julgar nos proporciona a sensação de estarmos pisando em terreno firme. Ao mesmo tempo, porém, pode nos afastar do mundo. A partir do momento em que rotulamos algo, deixamos de observar o que acontece e passamos a nos fixar somente na etiqueta.

(PERCY, 2012, p.70.)

O *ethos* apresentado mais uma vez se “cola” no de Wilde e se fortalece buscando apoio no interdiscurso e na intertextualidade. Para tanto, relaciona no início do texto o *Definir e limitar* com o aforismo bíblico: “Não julguem e vocês não serão julgados” O *ethos* aqui deve ser ponderado, orientando o leitor de que não temos a capacidade sobrenatural para julgarmos os outros, pois não conhecemos o outro em sua totalidade.

Novamente o *ethos* de ser ponderado se apresenta fortalecido ao parafrasear o pensamento das escrituras de que “a pessoa que tem uma viga no olho não deveria julgar o cisco do irmão”, isto é, como podemos julgar negativamente o outro, se podemos ter defeitos ainda maiores.

Entretanto, segundo Percy (2012), o hábito de julgar o outro é “inerente ao ser humano”, sendo que tal comportamento nos orienta de alguma forma e nos proporciona segurança. As

atribuições positivas e negativas que fazemos das outras pessoas, nos guiam em nosso relacionamento com elas, se relacionando também com determinadas situações nas quais vivemos, ou seja, em determinadas situações adversas somos condicionados por critérios preconcebidos.

O texto apresenta o problema do rótulo, do estereótipo negativo, que o orador defende que não devemos praticar diante do semelhante. O estereótipo, como já exposto, pelo pensamento de Charaudeau (2008), trata-se do olhar de um sobre o outro, um olhar cristalizado, que carrega muitas vezes uma negatividade. Esse olhar cristalizado, fruto de certos pontos de vista da realidade social, faz parte das formações etóticas dos sujeitos, tanto o da obra analisada, bem como o de todas as pessoas de uma comunidade em geral. Por isso, como definido no texto pelo próprio Percy (2012): “julgar é uma atitude inerente ao ser humano”, mas, frequentemente, um olhar preconcebido é reproduzido, não permitindo um novo olhar entre grupos ou indivíduos.

O texto poderá suscitar algumas paixões no interlocutor, dentre elas o sentimento de segurança que sentimos quando julgamos, pois como Percy (2012, p.70) define: “julgar nos proporciona a sensação de estarmos pisando em terreno firme. A segurança, conforme colocado por Aristóteles (2000, p. XLV): “provêm de uma certa superioridade tanto sobre as coisas quanto sobre as pessoas, de um afastamento, suposto ou real, relativamente ao que pode ser prejudicial.” Assim, ao rotularmos, estamos nos preocupando com algo que supostamente irá nos prejudicar e nos sentindo superior ao outro. É o que acontece em situações de preconceito, como por exemplo, raciais, sociais, etc.

Enfim, o *ethos* e *pathos* se aproximam, levando o auditório a refletir sobre os juízos de valores, buscando o equilíbrio nas emoções suscitadas quando julgamos o outro. Essa aproximação é relevante característica do texto.

Considerações finais

De acordo com o pensamento de Maingueneau (2010, p.14), “o “aforizador” assume o *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente”, por isso, a estratégia do aforismo em discurso de autoajuda é uma fórmula bem sucedida, utilizada por vários autores desse gênero. Brunelli (2011, p.129), em seu estudo

sobre o assunto, aponta: “nas obras de autoajuda é muito comum encontrarmos enunciados destacáveis, dispersos nos textos”. É comum também que tais aforismos sejam efetuados por “personalidades célebres” como também ressalta a autora. Essas personalidades célebre proferem um discurso de autoridade. Enfim, o aforismo sintetiza com poucas palavras, um pensamento denso de um líder célebre, trazendo alento e conforto para várias pessoas.

A obra de Allan Percy (2012) do mesmo jeito se utilizou dessa estratégia. Ele se apropriou dos aforismos de Oscar Wilde para compor um *ethos* forte, isto é, um *ethos* compósito de líderes bem sucedidos, como do próprio escritor Oscar Wilde, dentre outros, para constituir um discurso de autoridade. Utilizou-se, também, do seu próprio *ethos* de autor célebre de livros de autoajuda. Essa foi sua estratégia de captação do leitor, que muito se assemelha às utilizadas pelos autores do gênero, criando, imbricados, um *ethos* e um discurso de credibilidade. Com esse *ethos* formado na obra, o autor capta o leitor pela emoção, percebendo aquilo que ele precisa ler e entender. Para tanto, Percy escreve de maneira simples sobre temas que chamam a atenção, suscitando as emoções, escrevendo sobre o temor, a calma, a prudência, a compaixão, enfim as paixões.

Segundo Chagas (1999) o escritor do discurso de autoajuda afirma que em cada interlocutor estaria à resposta para alcançar à felicidade, a realização plena, sendo então, como eles próprios dizem “necessário crer”. Para aqueles que são persuadidos por tal pensamento, ele leva a um comportamento, “casuísta pela auto-alienação (desejo de autoalienação), em detrimento do juízo crítico e reflexivo do pensamento” (CHAGAS, 1999, p.63). Ou melhor, os leitores desses livros não se preocupam com a exterioridade, com as causas reais dos seus problemas dentro de um contexto familiar, social, político, e passa a pensar que apenas com otimismo, pensamento positivo, fé, força interior, irá realizar tudo que sonha em sua vida.

Observamos, no entanto, que a maneira injuntiva, característica também peculiar desse discurso, não se apresenta na obra analisada. Percy não utiliza formas imperativas em seu discurso. Como já expusemos, o autor se impõe pelo *ethos* forte, de autoridade, e pelos aforismos com valores de verdade, mas tem como estratégia “negociar” com seu interlocutor aquilo que pensa. Vejam que no texto 1 o autor termina com uma pergunta “Quanto tempo faz que você não presta atenção aos muitos caminhos que se abrem à sua frente?”, isso faz com que

o interlocutor reflita sobre a situação de forma crítica sobre a sua realidade, diferente das outras obras de autoajuda. Com isso, concluímos que os outros fragmentos textuais da obra analisada, também utilizam a mesma estratégia, sendo a única singularidade da obra com relação ao gênero.

ABSTRACT

This study aims to analyze the ethos and the emotions that are raised in a self-help speech. The corpus consists in Oscar Wilde's aphorisms taken from the work: Oscar Wilde to restless, Allan Percy. We investigated the corpus from the ethos of the work and the emotions raised in the auditorium. We concluded that the work has an uniqueness in relation to other works of the same kind, because his speech, though it rests in a strong ethos, that is, composite, with argument of authority, to corroborate his claims, is not as dogmatic as the others. In addition, we noticed that the passions fomented by the speaker in the speech, get the speaker and the audience closer to the problems of each topic discussed.

Keywords: Speech. Interdiscourse. Intertextuality. *Ethos*. *Pathos*

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. 3ed. Paris, Armand Colin, 2010, 275 p.

ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Prefácio: Michel, MEYER. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. da FONSECA. São Paulo: Martins Fontes. Edição Bilingue Grego-Português, 2000, 73 p.

BOSCOV, Isabela & ROGAR, Sílvia. Nas asas da autoajuda. *Revista Veja edição 2141*. São Paulo, 2 dez 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/021209/nas-asas-autoajuda-p.140-shtml>>. Acesso em 6 mai. 2014.

BRUNELLI, Anna Flora. Aforização no discurso de autoajuda. *Revista do Gel*. São Paulo, v.8, n.1, p. 125-138, 2011. Disponível em < [http:// revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/51/33](http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/51/33)>. Acesso em: 06 mai. 2014.

BUDISMO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Budismo&oldid=386638888>>. Acesso em: 6 mai. 2014.

CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social**. Ijuí, Editora Unijuí, 1999, 123p.

CHARAUDEUAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo, editora contexto, 2008, 328p.

FRANÇA, Júnia Lessa, VASCONCELLOS, Ana C. *et al.* **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9 ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255p.

LIMA, Marco Aurélio de. **A retórica de Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia**. Natal: IFRN, 2011. 140p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010, 207 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008, 205 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006, 181 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997, 198 p.

MATHIEU-CASTELLANI, Gisele. La passions du discours. In: **La rhétorique des passions**. Paris. PUF, 2000.

MATHIEU-CASTELLANI, Gisele. La rhétorique et les passions. In: **La rhétorique des passions**. Paris. PUF, 2000.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007. 128 p.

NOBRE CAMINHO ÓCTUPLO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nobre_Caminho_%C3%93ctuplo&oldid=36664460>. Acesso em: 6 mai. 2014.

PERCY, Allan. **Oscar Wilde para inquietos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, 128p.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 253p.

WOOK. Disponível em: <https://www.wook.pt/authors/detail/id/978504>>. Acesso em 6 mai.2014